

Editorial:

(Não Assinado)

O aumento de 10% sobre o número de contratos de compra assinados pela Caixa Econômica Federal em Pelotas e nas cidades da região, ocorrido no primeiro semestre de 2008, em comparação com igual período do ano passado, resultou sobretudo nas chamadas operações de varejo, ou seja, de unidades individuais e não de conjuntos habitacionais. Um aspecto que importa destacar, a respeito, é que, conforme avaliação da CEF, o diferencial das referidas operações, este ano, se deve à classe média, por sua demanda de imóveis financiados por meio do Sistema Brasileiro de Poupança e Empréstimo. Esse diferencial pode ser mais um sinal do recente processo de ascensão econômica da classe no Brasil. De 2002 a 2008, aumentou a participação da classe média na população economicamente ativa, conforme pesquisa da Fundação Getúlio Vargas (FGV), considerando as seis principais regiões metropolitanas do País. É uma tendência positiva, com a ressalva de que se trata de uma amostra, em termos estatísticos.

A propósito, destaca-se a preocupação de que a proposta de reforma tributária do Governo venha aumentar ainda mais a já pesada carga de impostos, de 36% do PIB. Se isso ocorrer, será, mais uma vez, a classe média a mais afetada. Os ganhos econômicos têm excluído esse grupo. Na base da pirâmide econômica, os avanços têm sido significativos, devido ao Bolsa Família, à elevação real do salário mínimo e ao aumento do número de empregos. Quanto ao topo da pirâmide, ela tem sido beneficiada pela política do Governo, que proporciona altíssimos lucros para as instituições financeiras e ótima renda para os aplicadores no mercado financeiro.

Enquanto isso, a classe média vem sendo onerada por impostos diretos e indiretos. E não tem a correspondente contrapartida do Governo, pois, devido a graves deficiências de serviços públicos essenciais, precisa pagar planos de saúde e matricular os filhos em escola particular, por exemplo. Por isso, a classe média tem tido limitada capacidade de poupar e de adquirir, inclusive, casa própria. Agora, começa a ter condições de fazê-lo, devido aos novos planos de financiamento da CEF.

Há um aspecto no declínio da classe média que tem significado mais amplo. Ao contrário do que vem acontecendo em países que estão chamando a atenção do mundo, não há, no Brasil, expansão desse grupo. Seu tamanho em relação à população total ficou inalterado nos últimos 20 anos, havendo uma reversão no último quinquênio. Esse é um problema grave, que prejudica o futuro do País. A referida classe não estava se aproximando nem um pouco do nível do grupo rico da população. Obviamente, estar no meio faz parte de sua própria definição. O preocupante foi a sua estagnação por longo período, pois existe relação direta entre o progresso de um país e a evolução da sua classe média. Isso está sendo demonstrado não só por exemplos atuais, mas também pela história, como foram os casos da Inglaterra, na Revolução Industrial, e dos Estados Unidos nos séculos 19 e 20.

Motor econômico das sociedades democráticas, tanto pelo empreendedorismo quanto pelo consumo, a classe média é também a grande geradora de idéias e cultura, além de importante fator da estabilidade política. Em síntese, quanto maior a classe média, mais desenvolvido será o país. A expectativa é que continue e se intensifique a reversão apontada pela pesquisa da FGV.